

## PRODUÇÃO E BEM-ESTAR ANIMAL

### ASPECTOS TÉCNICOS E ÉTICOS DA PRODUÇÃO INTENSIVA DE SUÍNOS

Alberto Neves COSTA<sup>1</sup>

#### INTRODUÇÃO

O processo de industrialização da pecuária exacerbou-se no período compreendido entre a II Guerra Mundial e meados dos anos 70, quando foi registrado um aumento dramático nos seus índices de produtividade. Contudo, tal constatação resultou em mudanças significativas nos sistemas de criação, visto que paralelamente ao declínio registrado no número de trabalhadores rurais verificou-se um aumento exponencial no efetivo de animais produzidos. Isto só foi possível em virtude da mecanização das propriedades, dos avanços tecnológicos e das facilidades para ampliar o número de grandes operações animais em confinamento. Como resultado, menos atenção passou a ser dispensada aos animais, individualmente, em nível das granjas, particularmente naquelas destinadas à exploração de suínos e aves. Como consequência da urbanização de áreas tradicionalmente rurais em países detentores de grande tradição pecuária, a maioria dos consumidores de tais produtos não dispõe de elementos para questionar a maneira como se processa a criação de animais em larga escala.

A aplicação de diferentes inovações tecnológicas aos sistemas intensivos de produção de suínos tem gerado alguns problemas relacionados com a saúde e o bem-estar dos animais nas granjas modernas. Mesmo considerando que alguns avanços significativos foram registrados nos parâmetros reprodutivos e produtivos das várias genéticas, principalmente as híbridas, no que tange ao aumento das taxas de prenhez e prolificidade, incremento da produção de leite, aumento do número de leitões desmamados porca/ano, melhoria dos índices de conversão alimentar e de ganho de peso vivo, rendimento de carne magra na carcaça etc., deve ser enfatizado que tais níveis de tecnificação tem resultado em alterações no ambiente criatório dos suínos nas diferentes fases do sistema produtivo (instalações dos reprodutores, maternidades, creches, recria e engorda), uma vez que o manejo coletivo adotado no confinamento ocasiona novas agressões à saúde e ao conforto dos animais, conseqüentemente passando a exigir medidas preventivas contra o surgimento das chamadas “doenças de produção”, qual seja o uso de mais fármacos (vacinas, antibióticos, hormônios etc.) para prevenir ou mesmo minimizar os problemas clínicos que interferem na produtividade da granja, onerando, dessa forma, o custo de produção para os suinocultores. Uma vez que essas linhagens são mais sensíveis ao estresse e ao desconforto ocasionados pelo tipo de manejo, equipamentos e ambiência das criações industriais, a melhoria no desempenho dos animais implica, na maioria das vezes, no aparecimento de patologias multifatoriais que causam dor, sofrimento, frustração e morte de animais.

---

<sup>1</sup> Médico Veterinário, MSc., PhD Bolsista DCR/CNPq-FAPERN-UFRN/Departamento de Agropecuária, Natal/RN; email: albertoncosta@uol.com.br

Neste contexto, torna-se indispensável promover uma profunda reflexão sobre o emprego da alta tecnologia na suinocultura moderna, tendo como foco a saúde e o bem-estar, com vistas a elucidar porque essas inovações tecnológicas passaram a demandar uma nova postura ética por parte dos diferentes segmentos da sociedade, no que tange as conseqüências do uso de animais com fins industriais e econômicos. Dessa forma, urge a necessidade de que legislações sobre bem-estar sejam usadas para disciplinar as fases de produção, transporte e abate de suínos no Brasil.

#### **Fatores de risco versus bem-estar na produção de suínos**

Os novos sistemas de criação baseados na alta produtividade vem promovendo mudanças substanciais no ambiente criatório dos suínos, particularmente porque promovem alterações expressivas na flora microbiana e exploram ao máximo a capacidade de adaptação dos animais ao ambiente. Segundo Zanella (1995), a combinação entre mudança no microbismo ambiental, na relação homem-animal e a demanda exagerada dos mecanismos de adaptação conduzem ao surgimento de doenças de etiologia complexa, que confrontam tais mecanismos de adaptação e desencadeiam a presença de enfermidades multifatoriais. Nas grandes unidades de produção industrial, frequentemente são observadas patologias diversas, tais como: desordens do aparelho locomotor, infecções gênito-urinárias, prolapso retal ou vaginal, mordedura de cauda e de vulva, anorexia, úlceras gástricas, infestações parasitárias massivas, torção do mesentério e

índices de mortalidade equivalentes (MADEC e MEUNIER-SALAUN, 2000). Obviamente, as doenças não-infecciosas ou menos virulentas estão mais relacionadas com as condições ambientais e os animais tentam reagir e adaptar-se a sua presença na criação (FRASER e BROOM, 1997).

Em decorrência do confinamento de matrizes, são observados inúmeros problemas reprodutivos, a exemplo de retardamento na puberdade, altas taxas de repetição do estro pós-cobertura ou de não-retorno ao estro pós-desmame, escore corporal pobre e elevada taxa de descarte de fêmeas, com o conseqüente aumento no número de dias não produtivos no plantel. No caso de matrizes mantidas em gaiola, observa-se com freqüência a exibição de estereótipos anormais, como mordeduras repetidas da barra de ferro frontal por longos períodos, o que causa grande frustração nos animais e pode comprometer o seu desempenho durante as fases de gestação e lactação. Os suínos possuem uma considerável habilidade para aprender e seu comportamento social é elaborado, como conseqüência os problemas de bem-estar dos suínos aumentam caso eles não estejam aptos para controlar os eventos no ambiente, estejam frustrados ou submetidos a situações imprevisíveis (FRASER e BROOM, 1997). Contudo, não existe uma fórmula padrão para se avaliar o bem-estar dos animais de interesse zootécnico, visto que os diferentes sistemas de produção apresentam características peculiares, particularmente no que tange ao tipo de alojamento (gaiola ou baia) e de piso das instalações, uso e/ou quantidade de cama, tamanho

dos lotes, frequência no fornecimento diário de ração etc. Em que pese o desejo público de se melhorar o padrão de bem-estar para esta categoria de animais, em verdade existe um viés significativo em relação aos aspectos econômicos envolvidos na produção industrial de produtos animais, pois a maioria dos consumidores não está disposta a pagar mais por alimentos produzidos sob alto padrão de bem-estar (high welfare foods). O valor atribuído ao bem-estar animal (no momento da compra) é baixo ou não existente, o que não implica na aprovação ou não do comportamento do consumidor, trata-se apenas de um fato da vida (WEBSTER, 2001). A produção de suínos é tipicamente medida em quilos de carne produzidos e dólares ganhos ou perdidos, pois em uma economia capitalista o lucro é necessário para tornar o sistema produtivo sustentável (STRICKLIN, 2003). Sob esta premissa pode-se imaginar que o sistema intensivo irá gerar as chamadas doenças de produção, porque não existe coerência entre a natureza biológica dos suínos e as condições sob as quais os mesmos estão sendo criados nas granjas. Os segmentos envolvidos com a pecuária industrial precisam compreender que existe uma relação crítica entre saúde e bem-estar animal. Neste contexto, a debilidade e a mortalidade de leitões por esmagamento, bem como o uso de pisos inadequados (abrasivos ou escorregadios) para suínos de engorda que causam lesões de cascos ou fraturas de membros representam sérios problemas de bem-estar (FRASER e BROOM, 1997). Portanto, a provisão de cuidados sanitários, a prevenção (através de imunização e

quarentena etc.) e o tratamento de doenças, bem como o descarte (sacrifício) de animais como proposta para o controle de enfermidades, de forma conjunta, apresentam implicações sérias e diretas sobre o bem-estar (EDWARDS e SCHNEIDER, 2005).

### **Indicadores de bem-estar na produção intensiva de suínos**

O declínio nos padrões de bem-estar animal na produção intensiva de suínos tem sido reconhecido em nível de governos, entidades de especialistas e sociedade em geral, principalmente na União Européia, o que tem resultado na elaboração de algumas legislações específicas para reverter tal situação, como no caso da proibição para breve do uso de coleiras e gaiolas para porcas. No entanto, para que se avalie se o animal está sob condições de bem-estar pobre é preciso que sejam utilizados, conjuntamente, alguns indicadores de bem-estar que expressem a capacidade de ajustamento (atendimento das necessidades biológicas) ou de falha (estresse/dor/sofrimento, baixo desempenho e comportamento anormal) na sua adaptação ao ambiente criatório. Segundo Zanella (1995), a áxis formada pelo hipotálamo, hipófise e córtex da adrenal é essencial para a sobrevivência e fundamental nos processos de adaptação, pois quando um animal é submetido a constantes elevações nos níveis plasmáticos de cortisol, os mecanismos de homeostase são alterados e o estresse crônico poderá se desenvolver. Em estudo anterior, o autor demonstrou que os níveis de cortisol podem ser monitorados através do plasma, saliva ou urina. Foi ainda relatado

por ele que quando o animal é submetido a situações adversas pode liberar opióides endógenos (beta-endorfina, encefalina e dinorfina), que agem como morfina endógenas para aliviar a dor e proporcionar uma sensação temporária de melhoria, necessária para agir em situações emergenciais. Os indicadores mais valiosos da dor, especialmente para o criador ou o médico veterinário estão particularmente representados por características comportamentais. A investigação de um animal deve começar pela obtenção de informações acerca do consumo de alimentos e de água, defecação, vômito ou qualquer outro sinal que possam ser reportados pelo manejador. Na verdade quando os animais são manejados, transportados, expostos rapidamente a um predador ou submetidos a alguma intervenção cirúrgica, eles mostram uma amplitude de mudanças comportamentais e fisiológicas que tem como consequência geral ajudá-los a sobreviver ao procedimento vivenciado (FRASER e BROOM, 1997). Estes autores consideram a mensuração dos níveis de glicocorticóides plasmáticos como indicadores úteis do bem-estar de animais submetidos a procedimentos de curta duração, tais como manejo e transporte.

Na visão de Madec e Meunier-Salaun (2000), prolificidade e fertilidade de matrizes suínas atestam sua função reprodutiva, da mesma forma que ganho de peso e consumo de alimentos provêm uma indicação objetiva da eficiência de crescimento. Porém, os autores lembram que apesar de ser difícil negar a correlação positiva existente entre tais parâmetros e o bem-estar animal é preciso ter

prudência, pois analisar o bem-estar apenas em termos de performance é muito perigoso. Zanella (1995) propôs que fossem considerados aspectos de sanidade, produtividade, características comportamentais e parâmetros fisiológicos, dentre outros. Percebe-se, assim, que ainda falta uma melhor compreensão e maior consenso acerca dos indicadores de bem-estar.

A partir do momento que o bem-estar animal tenha sido criteriosa e cientificamente avaliado, torna-se imperioso que decisões morais e éticas sobre o que seja aceitável na produção de suínos possam ser tomadas, de forma a favorecer os valores extrínsecos e intrínsecos relativos a esta espécie.

#### **Ética, produtividade e bem-estar na suinocultura.**

Tendo em vista a intensificação dos sistemas de produção animal, principalmente de suínos e aves, nos países que são grandes produtores como o Brasil, vislumbra-se a necessidade de se promover uma abordagem multidisciplinar integrada, em nível das universidades e das instituições de pesquisa, que contemple uma reflexão envolvendo os aspectos éticos e de bem-estar no contexto da suinocultura industrial. Isto se justifica porque os avanços tecnológicos em curso precisam ser balizados pelo surgimento de novos paradigmas científicos e bioéticos que assegure uma produção em larga escala de carne e derivados suínos com base sustentável, porém que garanta condições de saúde e bem-estar para os animais alojados nas granjas. Sob este prisma, alguns questionamentos desafiadores para a produção suinícola no século XXI podem ser

invocados: por exemplo, como fazer para compatibilizar os interesses econômicos da indústria animal (genética, fármacos, insumos equipamentos etc.) e dos produtores (incremento na produtividade) com o atendimento das necessidades biológicas dos animais de forma a garantir sua saúde e bem-estar? Ou ainda, que estratégias devem ser usadas no sentido de conscientizar a sociedade sobre a necessidade de se aumentar o valor da vida de cada animal de produção? Na visão de Webster (2001), soluções práticas para questões morais complexas no mundo real requerem normas coerentes de ética prática; em seu artigo o autor mencionou a Matriz Ética proposta pelo professor inglês Ben Mepham como um caminho para se analisar as questões éticas relacionadas com a produção de alimentos. Esta matriz reconhece nossa responsabilidade ética de ter respeito a todas as formas de vida, neste caso, criadores e seus animais, consumidores e o ambiente; também identifica formalmente a complexidade de todas as decisões éticas relacionadas com as formas de vida, evitando, assim, a falácia do argumento de questão simples de ser encaminhada, pois reconhece que o bem-estar animal é um fato importante, porém não exclusivo. Por sua vez, Mepham (2005) questionou os custos do bem-estar na produção de suínos tendo como premissa que nos sistemas intensivos os criadores de animais para reprodução visam desmamar um número máximo de leitões por porca/ano, enquanto aqueles que trabalham com recria e engorda buscam alcançar seu objetivo no menor número de dias possível. Segundo ele, a promoção do bem-

estar de animais de fazenda visa satisfazer certas necessidades básicas (por alimento, água, espaço físico, ambiente limpo etc.) e evitar certos danos físicos (doença, injúria, estresse e exposição excessiva a ambientes inóspitos).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de suínos em larga escala associada à pequena margem de lucros desta atividade comercial reduziu drasticamente a atenção individualizada a ser dispensada aos animais no plantel. O confinamento intensivo tem sido levado às últimas conseqüências em razão de interesses econômicos do complexo industrial-tecnológico e dos produtores que buscam reduzir os altos custos de produção e ampliar a sua margem de lucros, seja pela redução do número de funcionários ou pela maior capacidade de alojamento de suínos nas granjas modernas.

Em razão disto, é relevante que se reflita sobre a criação de suínos de maneira sustentável, mesmo considerando que no momento atual a produção "orgânica" atenderia apenas a nichos especializados de mercado. Contudo, o sistema de criação a campo já difundido há anos no Reino Unido e com resultados que comprovam a sua eficiência produtiva e garantem um ambiente ecologicamente correto mostra que esta pode ser uma alternativa razoável à suinocultura industrial. No Brasil, o sistema Siscal preconizado pela Embrapa Suínos e Aves e que durante anos tem sido usado por inúmeros criadores do Sul tem se apresentado como uma opção de suinocultura em bases sustentáveis, em razão de suas características produtivas (ausência de piso de concreto, uso de

piquetes, liberdade para realizar movimentos e exteriorizar condutas típicas da espécie, melhores condições ambientais, redução no uso de fármacos, principalmente antibióticos etc.), e consequentemente vêm contribuindo para a melhoria do bem-estar dos suínos nas várias fases da produção.

Presentemente, fica evidenciado que a crescente preocupação de setores da sociedade (legisladores, movimento de defesa dos animais, entidades de especialistas etc.) e da comunidade científica (a partir do embasamento adquirido através da ciência do bem-estar animal), vem colaborando de forma positiva para que os animais de fazenda, como os suínos, também possam ser paulatinamente inseridos no mapa moral dos humanos, em razão do reconhecimento da capacidade sensorial destes de experimentar sensações positivas e/ou negativas que interfiram tanto no desempenho reprodutivo e produtivo, quanto na saúde e no bem-estar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDWARDS, J.D.; SCHNEIDER, H.P. The World Veterinary Association and animal welfare. **Rev. Sci. Tech. Off. Int. Epiz.**, v. 24, n. 2, p.639-646, 2005.

FRASER, A.F.; BROOM, D.M. Pig welfare problems. In: **Farm animal behaviour and welfare**. 3<sup>th</sup> ed. Wallington, UK: Cab International, 1997. p.358-369.

MADEC, F.; MEUNIER-SALAUN, M.-C. From welfare for pigs to adversity for pigs farmers. **Pig News and Information**, v. 21, n. 1, p. 33N-38N, 2000.

MEPHAM, B. Human uses of animals. In: **Bioethics – an**

**introduction for the biosciences**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p.153-178.

STRICKLIN, W.R. Ethical considerations of pork production. In: Symposium on swine housing and well-being.2002, Des Moines. **Anais eletrônicos ...** Des Moines: USDA, 2003. Disponível em: <<http://www.nal.usda.gov/awic>>. Acesso em: 03 jan.2007.

WEBSTER, A.J.F. Farm animal welfare: the five freedoms and the free market. **The Veterinary Journal**, v. 161, p.229-237, 2001.

ZANELLA, A. Indicadores fisiológicos e comportamentais do bem-estar animal. **A Hora Veterinária**, ano 14, n. 83, p. 47-52, 1995.